

FIEA Federação das
Indústrias do Estado
de Alagoas

IEL Instituto
Euvaldo
Lodi

Indicadores de **DESEMPENHO**

*Dados referentes ao mês de
Setembro de 2025*



Indicadores Industriais

Vendas

O indicador confirma a deterioração da demanda, registrando **queda acentuada na margem mensal 6,15% e aprofundamento do resultado negativo no acumulado do ano (-7,32%)**. Os dados sinalizam que o enfraquecimento das vendas deixou de ser pontual para se tornar uma tendência estrutural no ano de 2025.

Pessoal Empregado

A variável apresentou um comportamento atípico e desconectado da atividade produtiva, com **um salto de 13,34% nas contratações em setembro**. Esse movimento contrasta com a **queda na comparação interanual (-1,61%)**, sugerindo uma recomposição de quadro pontual ou uma distorção estatística na base mensal, dado o cenário de vendas em queda.

Utilização da Capacidade Instalada

A Utilização da Capacidade Instalada (UCI) **ficou estável em 66%** em setembro de 2025, na comparação com agosto e excluídos os dados do setor sucroenergético.

Custo das Operações Industriais

Embora tenha ocorrido uma **correção deflacionária significativa no mês (-10,33%)**, o cenário de custos permanece crítico em uma perspectiva mais ampla. Com uma **alta acumulada de 28,98% no ano**, a estrutura de custos continua exercendo severa compressão sobre as margens operacionais.

Horas Trabalhadas

A variável indica **redução na intensidade do trabalho (-4,76%)**, criando uma assimetria em relação ao aumento do pessoal empregado. O fato de haver mais funcionários trabalhando e menos horas, sugere **queda na produtividade média per capita ou aumento da ociosidade** da força de trabalho recém-admitida.

Remunerações Pagas

A massa salarial real revela **oscilação negativa na margem (-0,24%) e retração relevante na comparação anual (-4,20%)**. O acumulado do ano, **marginalmente positivo em 0,58%**, indica que **não há ganhos reais de renda** significativos impulsionando o consumo das famílias ligado ao setor.

Resumo Executivo

As Vendas Reais apresentaram uma retração acentuada de 6,15% na margem, movimento que consolidou o viés de queda no acumulado do ano, aprofundando o resultado negativo para 7,32%. Observa-se um arrefecimento pontual na estrutura de custos, com deflação mensal de 10,33%. Todavia, essa correção marginal é insuficiente para dissipar o choque de custos acumulado ao longo de 2025, que sustenta uma alta expressiva de 28,98%. No mercado de trabalho, nota-se uma assimetria entre a alocação de mão de obra e a atividade efetiva. Houve uma expansão de 13,34% no Pessoal Empregado, contrastando com a contração de 4,76% nas Horas Trabalhadas e a estagnação real das Remunerações (-0,24%).

O desempenho da indústria mundial em setembro de 2025 foi caracterizado por uma estagnação com viés de cautela, interrompendo o otimismo moderado observado no mês anterior. O Global Manufacturing PMI, calculado pelo J.P. Morgan e S&P Global, recuou marginalmente para 50,8 pontos, indicando que, embora o setor permaneça tecnicamente em expansão, o ritmo de crescimento tornou-se frágil e desigual. O volume de produção física registrou apenas uma leve alta, enquanto as novas encomendas de exportação sofreram queda, sinalizando que o comércio internacional voltou a ser travado pelo aumento de barreiras tarifárias e pelo protecionismo crescente entre grandes blocos econômicos. Nos Estados Unidos, segundo o S&P Global, a manufatura demonstrou resiliência, mantendo-se em território de expansão com um índice de 52,0, sustentada pelo consumo interno, embora as empresas tenham reportado uma desaceleração nas contratações e receio quanto a novas tarifas de importação. Na Ásia, a China apresentou um cenário distinto à medida que a indústria pesada estatal permaneceu estagnada, mas o setor privado, segundo dados do Caixin Insight Group (China), surpreendeu positivamente ao atingir a máxima de cinco meses (51,2), reagindo a estímulos governamentais pontuais. Já a Zona do Euro reafirmou sua posição de fraqueza, operando em zona de contração (49,8), com a Alemanha ainda pressionada pela baixa demanda global por bens de capital.

No cenário nacional, a indústria brasileira registrou queda de 0,4% em relação a agosto, na série com ajuste sazonal, registrando uma perda de ritmo após resultados positivos anteriores, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Em contrapartida ao desempenho mensal negativo, o setor apresentou crescimento de 2,0% frente a setembro de 2024, indicando que a base de comparação anual permanece positiva, apesar da volatilidade no

curto prazo. No acumulado de janeiro a setembro de 2025, a produção industrial cresceu (1,0%) em comparação ao mesmo período do ano anterior, enquanto a variação dos últimos 12 meses expandiu (1,5%), sinalizando uma desaceleração marginal frente aos meses anteriores, mas mantendo-se em condição positiva. Como tal, o quadro de setembro sinaliza que a indústria perdeu fôlego na margem, com a difusão de resultados negativos atingindo diversas categorias econômicas e regiões. De forma geral, a indústria persiste em enfrentar obstáculos de ordem estrutural, operando em um ambiente monetário ainda restritivo. Tal conjuntura demanda prudência nos aportes e restringe uma recuperação mais expressiva, não obstante a resiliência notada na análise interanual.

A indústria alagoana, em setembro de 2025, no mercado externo, atravessou um período marcado por uma dualidade das exportações, em um cenário de assimetria entre volume e volatilidade de preços, justificado pelo superávit mundial na indústria do açúcar (maior oferta da Índia e do Centro-Sul brasileiro) e sinais de desaceleração global, levando a uma postura mais cautelosa nas encomendas internacionais nos mercados de minério e matérias-primas industriais. De um lado, o mês também foi decisivo para o segmento sucroenergético, que enfrentou o "tarifaço" imposto pelos Estados Unidos, inviabilizando na prática as cotas preferenciais de exportação, redirecionando a produção para a China e mercados do sudeste asiático que absorveram a maior parte do

açúcar bruto, aproveitando os preços globais menores para recompor estoques. De outro lado, embora o cenário internacional tenha apresentado sinais de acomodação da atividade global, sinalizados na venda industrial do setor sucroenergético no mês anterior e (-2,74%) em setembro, a estimativa para a safra de cana-de-açúcar 2025/2026 é de 17,7 milhões de toneladas, alta de 1,8% em relação ao ciclo anterior (2024/2025), segundo dados do Sindaçúcar.

De acordo com os dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Mdic), nos nove primeiros meses de 2025, as exportações alagoanas totalizaram US\$ 592,6 milhões. Esse montante representa uma oscilação negativa de cerca de 1,1% em comparação ao mesmo período do ano anterior. No acumulado do ano, o estado sustentou seus volumes globais apesar de uma retração em valor, enquanto o desempenho mensal de setembro refletiu o impacto imediato da política tarifária norte-americana e o início da safra canavieira 2025/2026.

No mês, o estado de Alagoas exportou US\$ 28,2 milhões, um aumento significativo de 25,7% em relação a 2024, liderado por minério de cobre e açúcar, mas o estado teve déficit comercial devido às importações de bens de capital, máquinas e insumos intermediários

e preparação da safra 2025/2026. Na composição de produtos, o minério de cobre e seus concentrados representaram 78,6% do total exportado no mês. Na sequência, o açúcar, com 16,4% e materiais de construção da argila e materiais refratários (1,1%).

No mercado doméstico, a alta na venda industrial de 10,60% no mês anterior do segmento da construção civil na indústria alagoana, impulsionada pelas novas regras de financiamento e pelas obras de infraestrutura estaduais, manteve elevada a demanda por agregados minerais (como areia, brita e calcário). Ademais, a atividade industrial nos demais setores, com forte associação com o varejo, começou a reagir à sazonalidade de fim de ano, com aumento na produção voltada à formação de estoques, além do efeito pré-Black Friday/Natal que começa na indústria em setembro. Sobre tudo, mesmo com os efeitos da taxa Selic em patamares restritivos de 15% ao ano, o que restringiu o crédito e dificultou o financiamento para o consumo durante 2025, a indústria se mantém em nível regular.






No tocante à ampliação do parque industrial, em setembro de 2025, o estado de Alagoas manteve a consistência de sua política de desenvolvimento econômico, focando na operacionalização e consolidação dos investimentos industriais recém-aprovados. Em continuidade à estratégia de diversificação produtiva, o governo estadual, por meio da atuação decisiva do Conselho Estadual de Desenvolvimento Econômico e Social (CONEDES) e do Programa de Desenvolvimento Integrado (PRODESIN), elaborou procedimentos para viabilizar a instalação e ampliação de sete empresas. Neste período, o direcionamento objetivou a execução dos contratos de incentivos fiscais que asseguram o aporte de mais de R\$ 40 milhões em capital. Segundo informações veiculadas pelo órgão, estima-se a partir dos contatos, a criação de 818 novos postos de trabalho, entre 304 empregos diretos e 514 indiretos. O recorte, além da capital, Maceió, envolveu os municípios de Santa Luzia do Norte, Rio Largo, Piranhas e Passo do Camaragibe. No panorama acumulado do ano até setembro, a política de atração estima mais de R\$ 100 milhões em investimentos.

Em relação ao comportamento dos outros indicadores, destaca-se que o emprego industrial apresentou alta de 13,34% frente a agosto, face às contratações do setor sucroenergético. Em outra base de comparação, Caged/MT, referentes a setembro de 2025, Alagoas obteve um desempenho expressivo, alcançando a maior alta percentual de empregos formais em todo o Brasil, com (2,99%). O estado encerrou o mês com um saldo positivo de 13.883 vagas de trabalho com carteira assinada, fruto da diferença entre 27.742 admissões e 13.859 desligamentos. A magnitude deste crescimento foi a Indústria, que, impulsionada pela sazonalidade da moagem da cana-de-açúcar e atividades fabris, representou 9.107 das novas vagas, a maior parte do saldo estadual. Com esse resultado mensal, Alagoas acumula no ano de 2025, entre janeiro e setembro, um saldo total de 11.282 novos postos de trabalho. Esse cenário poderá criar uma dinâmica de consumo baseada na renda do trabalho (salários), garantindo a circulação de riqueza no estado,

mesmo diante de um cenário de juros altos.

Em setembro de 2025, as vendas reais da indústria recuaram em termos reais (-6,15%), sobre agosto. O custo das operações industriais teve queda (-10,33%) na mesma comparação. Por sua vez, o emprego industrial mostrou alta de 13,34%. A variável horas trabalhadas registrou queda de 4,76% frente a agosto. Ademais, a indústria alagoana manteve estável a utilização da capacidade instalada e alcançou 66%, excluído o setor sucroenergético. A massa salarial industrial apresentou uma queda de 0,24% no mês de agosto em relação ao mês anterior.

SETEMBRO 2025

Variáveis	Set/25 - Set/24	Set/25 - Set/24	Acumulado do ano
 Vendas reais	↓ -6,15	↓ -6,94	↓ -7,32
 Custo das Operações Industriais	↓ -10,33	↑ 28,08	↑ 28,98
 Pessoal Empregado	↑ 13,34	↓ -1,61	↑ 3,58
 Horas Trabalhadas	↓ -4,76	↑ 1,30	↑ 1,00
 Remunerações pagas	↓ -0,24	↓ -4,20	↑ 0,58

Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial, Inovação e Pesquisa IEL/AL

Vendas Industriais

O desempenho das vendas industriais em setembro de 2025 aponta para um aprofundamento da desaceleração no estado, registrando queda em todas as bases de comparação.

Os resultados de setembro de 2025 revelam um quadro bastante desigual da venda industrial de Alagoas, quando se observam simultaneamente as variações mensais, anuais e acumuladas. Em termos agregados, a variável recuou (-6,15%) em relação a agosto e (-6,94%) frente a setembro de 2024, acumulando queda de 7,32% no ano, mas, quando se exclui o setor Sucreenergético, as variações passam a ser de 6,90% no mês, (-1,39%) no ano e (-0,20%) no acumulado, evidenciando que a maior parte da retração estrutural decorre do desempenho negativo ligado a indústria açucareira.

Dentro desse contexto, alguns segmentos operam em clara expansão, como a indústria Mecânica, que avançou (153,07%) em relação a agosto, (340,04%) em comparação a setembro do ano anterior e (267,23%) no acumulado, sugerindo ampliação de plantas produtivas, enquanto Editorial e Gráfica também registra avanços expressivos, com variações próximas de 49,87% na comparação mensal, (49,36%) na anual e (22,72%) no acumulado, possivelmente impulsionada por maiores encomendas de materiais impressos educacionais, promocionais e institucionais.

De forma geral, o indicador demonstra que boa parte da perda do setor Sucreenergético está ligada ao fato de que até a primeira quinzena de setembro, apenas três usinas, estavam em atividade frente à expectativa de 15 unidades em operação devido ao ritmo de moagem prejudicada pela ocorrência de chuvas na região. A queda das vendas no mês em relação a agosto (-2,74%), na comparação com setembro de 2024 (-25,33%) e no acumulado do ano (-29,37%) reflete o impacto das tarifas impostas pelo EUA, bem como a maior volatilidade de preços de açúcar e etanol, o que reduz margens e leva usinas a operar com mais cautela. Esse contexto ajuda a explicar por que, mesmo com a cana permanecendo como pilar da economia alagoana, o Sucreenergético puxou para baixo o resultado da indústria alagoana, já que as quedas nas três bases de comparação foram bem superiores às observadas quando se exclui esse segmento do total. A indústria Química mostra retração de (-16,42%) na comparação com agosto, (-20,14%) frente a setembro de 2024 e (-21,52%) no acumulado, movimento associado ao encerramento de unidade de cloro soda e à desativação de minas de sal gema, o que reduz a oferta local de insumos básicos e reorienta a estrutura produtiva do estado.

Em sentido oposto, alguns segmentos industriais contribuem de forma relevante para suavizar esse quadro adverso. A indústria de Alimentos e Bebidas registra altas moderadas nas três bases, com variações de 0,23% no mês, (5,37%) no ano e (9,82%) no acumulado, enquanto têxtil apresenta leve avanço de 0,05% na comparação mensal, (0,90%) na anual e ligeira queda de 0,19% no acumulado, sugerindo um setor em estabilização. Minerais não metálicos crescem (3,12%) frente a agosto, (5,64%) na comparação anual e (3,88%) no ano, ao passo que Vestuário e Calçados avançam (1,29%) no mês, (11,03%) no ano e (4,44%) no acumulado, todos coerentes com um consumo interno que se recupera de forma gradual.

Outros segmentos, porém, reforçam o viés negativo do quadro industrial. Material de Transporte recua (-4,89%) no mês, (66,62%) no ano e (38,74%) no acumulado, indicando forte queda de encomendas de veículos e partes, enquanto Madeira registra quedas de (13,43%), (12,69%) e (13,63%), respectivamente, sugerindo retração em móveis e construção ligada a esse insumo.

Por fim, a Construção Civil combina forte contração no mês, com variação de (-31,36%), e crescimentos elevados na base anual, de (74,57%), e no acumulado, de (116,51%), revelando um setor que vinha em franca expansão ao longo de 2025, mas que, em setembro, passa por um ajuste após o pico de lançamentos e obras. Produtos de Matérias Plásticas e Borracha apresentam crescimento moderado, com variações de (1,84%) no mês, (3,54%) na comparação anual e (1,49%) no acumulado, enquanto as Indústrias Diversas e Mobiliário sobem (0,05%) no mês, (1,88%) no ano e (1,05%) no acumulado, reforçando a leitura de que, apesar do peso das quedas em Sucroenergético e Química, há núcleos de dinamismo industrial em Alagoas que seguem em trajetória de expansão ou recuperação.



Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial, Inovação e Pesquisa IEL/AL

Tabela nº 1 - Variações (%) das vendas no mês de Agosto de 2025. Base Fixa (IBF: Out/2013); Deflator:IPA/OG - FGV.

Gêneros	Ago/25 - Jul/25	Ago/25 - Ago/25	Acumulado ano
Produtos Alimentares e Bebidas	0,51	10,18	24,05
Construção Civil	10,60	215,42	212,87
Têxtil	(0,68)	(0,23)	0,59
Minerais Não-Metálicos	(2,55)	0,73	3,55
Vestuário e Calçados	(9,98)	3,12	1,78
Material de Transporte	(12,11)	(68,29)	(64,75)
Editorial e gráfica	(5,75)	(18,12)	(22,30)
Madeira	(0,68)	(0,23)	0,59
Papel, Papelão e Celulose	(0,68)	(0,23)	0,59
Produtos de Matérias Plásticas e Borracha	(3,81)	(0,34)	0,64
Metalúrgicas e Siderúrgicas	-	-	-
Indústrias Diversas e Mobiliário	0,24	1,00	(13,49)
Química	(14,45)	(6,10)	(3,63)
Indústria Mecânica	(0,68)	45,11	33,42
Sucroenergético	(16,13)	(27,38)	(28,52)
Total Indústria Transformação	(8,51)	(1,26)	2,58
Total Indústria Transformação (sem setor sucroenergético)	(6,61)	7,37	13,64

Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial, Inovação e Pesquisa IEL/AL



Custo de Operações Industriais

A correlação entre a alta de (28,98%) nos custos operacionais acumulados e a retração de (-7,32%) nas vendas reais ao longo do ano evidencia um cenário crítico de estrangulamento de margens.

A análise da variável custo das operações industriais para setembro de 2025 revela uma dicotomia importante entre o comportamento de curto prazo e a tendência estrutural do ano. Na comparação entre setembro de 2025 e agosto de 2025, houve uma redução expressiva de 10,33% nos custos. No entanto, é fundamental interpretar esse dado com cautela à medida que essa queda não parece derivar de um ganho de eficiência, mas sim de uma desaceleração da atividade produtiva, visto que as vendas reais caíram (-6,15%) e as horas trabalhadas recuaram (-4,76%) no mesmo intervalo. Ou seja, a indústria gastou menos operacionalmente porque produziu e vendeu menos neste período específico.

Por outro lado, a visão até o fim do ano expõe um cenário financeiro desafiador. Ao compararmos com setembro do ano anterior, os custos dispararam (28,08%), e o acumulado do ano confirma essa tendência com uma alta de 28,98%. Esses números indicam que 2025 tem sido um ano de custos estruturais muito elevados para a indústria, operando quase (29%) acima do patamar de 2024. O cenário é de uma indústria que enfrenta uma forte inflação de custos no acumulado do ano, mas que recentemente precisou frear suas operações, reduzindo o custo variável momentâneo, possivelmente como resposta à queda na demanda.

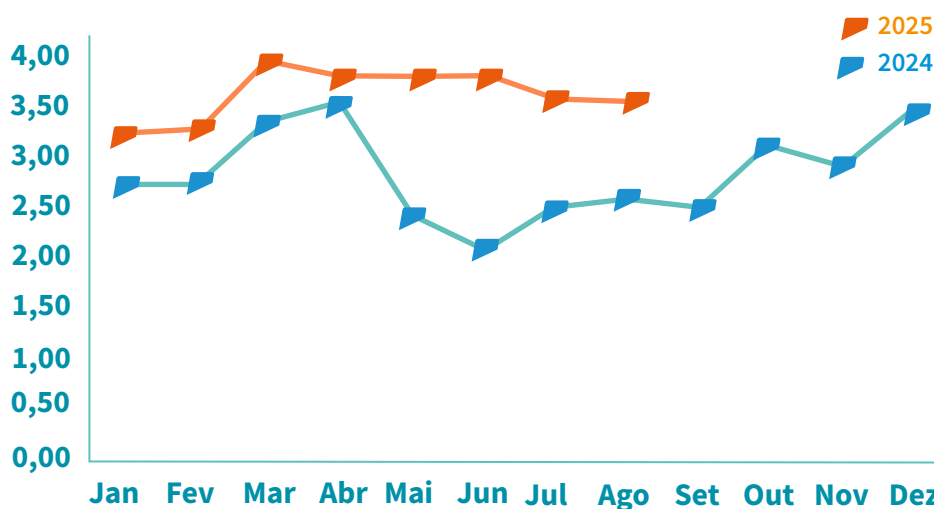
Alguns segmentos registram elevação muito intensa de custos, entre eles, Produtos Alimentares e Bebidas têm alta mensal de 11,54% e variações anuais e acumuladas extremamente elevadas, de 292,14% e (288,32%), sugerindo forte encarecimento de matérias-primas agropecuárias, energia e logística, possivelmente ligado à piora climática, à volatilidade cambial e ao aumento de preços de commodities. Editorial e Gráfica também enfrentam explosão de custos, com alta de 103,98% no mês, (36,57%) em relação a setembro de 2024 e (28,15%) no acumulado, o que pode refletir encarecimento de papel e insumos químicos de impressão, além de energia, mesmo em um contexto de crescimento das vendas do setor. A Indústria Mecânica apresenta aumento de custos de 120,32% no mês, (183,64%) na base anual e

(144,65%) no acumulado, o que é compatível com forte expansão de produção, mas também indica pressão de preços de aço, componentes importados e equipamentos, que tende a comprimir margens apesar do salto de faturamento.

Outros segmentos demonstram estabilidade ou redução de custos, o que pode ter favorecido algum ganho de competitividade ou permitido manter preços mesmo com vendas em queda. Minerais Não-Metálicos registram recuo mensal de (-1,36%), mas ainda sobem (7,54%) na comparação anual e (0,33%) no acumulado, sugerindo alívio recente em insumos como cimento e agregados após forte alta no período anterior. Produtos de Matérias Plásticas e Borracha sobem ligeiramente no mês (0,32%), praticamente estabilizam no ano (0,04%) e caem no acumulado (-1,84%), possivelmente influenciados por recuo de preços de resinas petroquímicas e pela desaceleração da demanda. Indústrias Diversas e Mobiliário ficam levemente positivas no mês (0,05%) e no ano (2,95%), mas com queda acumulada (-1,48%), o que pode ter ajudado o setor a amortecer a perda de vendas observada em 2025. No Sucrenergético, a alta de custos é moderada no mês (1,62%), mas há queda na comparação anual (-14,47%) e no acumulado (-11,94%), compatível com ajustes de safra, renegociação de insumos e algum ganho de eficiência, embora esse alívio de custos não tenha sido suficiente para evitar a queda de receitas do setor.

Diante do exposto, percebe-se na análise dos dados, de um lado, como um ponto de inflexão à medida que setores como Alimentos, Editorial e Mecânica já vinham acumulando forte alta de custos ao longo de 2025 e sofreram mais um salto no mês, o que tende a pressionar preços finais e, em alguns casos, inibir demanda. De outro lado, ao mesmo tempo, segmentos como Minerais Não-Metálicos, Plásticos, Mobiliário e o próprio Sucrenergético apresentam quedas ou desaceleração de custos, ajudando a conter parte da perda de competitividade. No agregado, a queda mensal dos custos da indústria (-10,33% ou -11,80%, excluso o sucrenergético) contrasta com as altas expressivas nas comparações anual e acumulada, indicando que, embora 2025 ainda seja um ano de custos historicamente elevados para a indústria alagoana, setembro traz sinais iniciais de acomodação em vários insumos, ao passo que mudanças estruturais, como a reconfiguração da química e os ajustes na safra canavieira, continuam condicionando o comportamento de custos e resultados setorial.



Gráfico nº 2 - Evolução dos Custos


Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial, Inovação e Pesquisa IEL/AL

Tabela nº 2 - Variações (%) dos custos no mês de Agosto de 2025. Base Fixa (IBF: Out/2013); Deflator: IPA/OG - FGV.

Gêneros	Ago/25 - Jul/25	Ago/25 - Ago/25	Acumulado ano
Produtos Alimentares e Bebidas	10,40	209,82	346,06
Construção Civil	-	-	-
Têxtil	(0,68)	(0,23)	0,20
Minerais Não-Metálicos	(20,65)	(0,12)	13,84
Vestuário e Calçados	(12,33)	9,92	18,75
Material de Transporte	8,62	(9,90)	(37,66)
Editorial e gráfica	(18,97)	(27,43)	(12,17)
Madeira	-	-	-
Papel, Papelão e Celulose	(0,68)	(0,23)	0,20
Produtos de Matérias Plásticas e Borracha	(2,96)	(2,98)	(2,53)
Metalúrgicas e Siderúrgicas	0,49	-	-
Indústrias Diversas e Mobiliário	(0,49)	1,83	(1,28)
Química	(16,29)	(14,63)	53,01
Indústria Mecânica	(0,68)	16,13	28,72
Sucroenergético	(14,47)	(16,92)	(42,57)
Total Indústria Transformação	(2,36)	40,58	72,91
Total Indústria Transformação (sem setor sucroenergético)	(0,62)	53,73	130,14

Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial, Inovação e Pesquisa IEL/AL

Nível de Emprego Industrial

A análise das bases mensal, anual e acumulada mostra que setembro se apresenta como um mês de movimentação de mão de obra, sobretudo em setores como indústria mecânica, minerais não metálicos, material de transporte e na safra sucroenergética.

A análise da variável pessoal empregado evidencia uma dinâmica complexa no mercado de trabalho, sustentada por um crescimento médio ao longo do ano, apesar de ajustes pontuais. No acumulado de 2025, o setor industrial demonstra resiliência nas contratações, mantendo um saldo positivo na força de trabalho (3,58%) em comparação ao mesmo período do ano anterior. Entretanto, ao analisarmos o cenário sob a ótica anual, observa-se um leve recuo estrutural, com o nível de emprego atual ficando ligeiramente abaixo do patamar registrado no mesmo mês do ano passado (-1,61%). O dado que mais chama a atenção, contudo, é a forte aceleração no curto prazo em que houve uma expansão expressiva no quadro de funcionários (13,34%) na comparação com a base anterior, sugerindo um movimento recente e vigoroso de recomposição de equipes ou contratações sazonais, que destoa da retração observada na comparação anual.

Como tal, a variável passa por recomposição setorial, com aumento mais concentrado em poucos segmentos, enquanto outros reduzem quadro de funcionários. No total, o número de empregados cresce no mês (13,34% em relação a agosto), mas ainda cai na comparação com setembro de 2024 (-1,61%), acumulando leve alta no ano (3,58%). Quando analisado, excluso o Sucroenergético, porém, há queda no mês (-9,10%), crescimento anual de 1,16% e acumulado de 3,97%, o que indica que o avanço de empregos em setembro está fortemente associado à safra de cana e a alguns investimentos pontuais, enquanto a base anual ainda reflete ajustes e cortes em diversos segmentos.

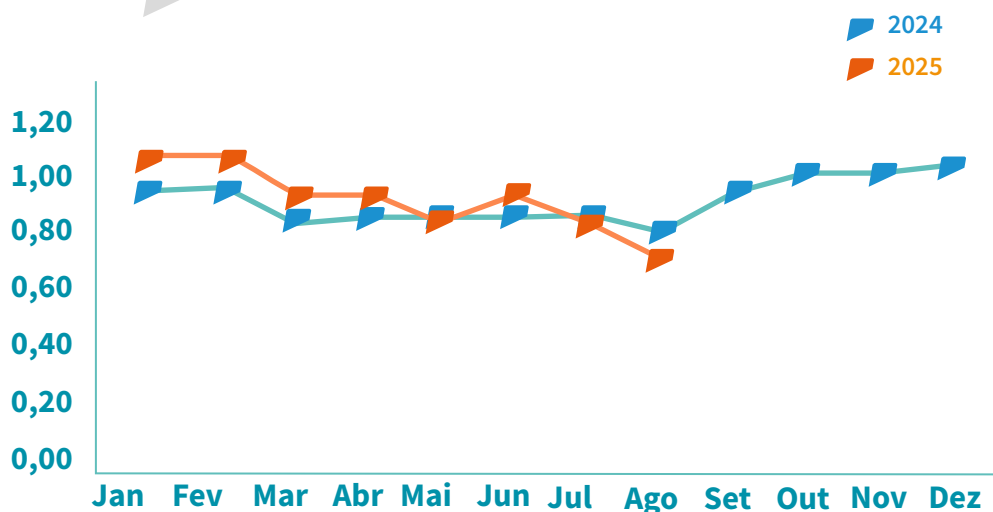
Destaca-se que a Indústria Mecânica é o destaque, com expansão expressiva do quadro de funcionários com alta mensal de 38,86%, anual de 42,92% e acumulada de 63,57%, coerente com o movimento ligado ao início das demandas do setor Sucroenergético. Minerais Não-Metálicos também registram aumento relevante de empregos, com variações de 14,75% no mês, (8,63%) na comparação anual e (8,35%) no

acumulado, sugerindo aquecimento em segmentos ligados a construção, cimento, cerâmica e insumos para obras. Material de Transporte aumenta o número da mão de obra em (5,93%) frente a agosto, (8,97%) em relação a setembro de 2024 e (10,90%) no ano, o que indica a interface com a prestação de serviços à indústria da cana, possivelmente junto a fabricantes de carrocerias, peças e equipamentos, apesar da queda de vendas industriais. No Sucroenergético, há alta de empregos no mês (32,23%), típica do início de safra com maior contratação de trabalhadores para corte, transporte e processamento de cana, mas com queda na base anual (-3,15%) e leve alta acumulada (3,35%), sugerindo safra menos intensiva em mão de obra do que em 2024, possivelmente por mecanização.

Ressalta-se que os demais segmentos mostram redução de funcionários, refletindo tanto perda de vendas quanto reestruturações produtivas. Produtos de Matérias Plásticas e Borracha têm forte queda de empregos em todas as bases: (-10,19%) no mês, (-8,98%) na comparação anual e (-7,62%) no acumulado, o que pode estar associado a menor demanda de embalagens e peças plásticas, além de automação de processos. Indústrias Diversas e Mobiliário apresentam estabilidade no mês (0,05%), mas quedas anual (-1,72%) e acumulada (-4,46%), compatíveis com um segmento que enfrenta menor consumo de móveis e itens de uso doméstico. Na Quími-

ca, o emprego recua levemente no mês (-0,83%), mas mais fortemente no ano (-4,32%) e no acumulado (-4,71%), impactado pelo encerramento da unidade de cloro-soda e pela desativação das minas de sal-gema, que reduziram postos ligados a produção básica de cloro e soda cáustica. Produtos Alimentares e Bebidas registram forte queda de funcionários no mês (-16,76%), embora mantenham alta anual (0,43%) e acumulada (4,54%), o que pode indicar ajuste de quadros após forte aumento de custos, com maior pressão por produtividade.

De forma geral, a comparação anual ainda revela perdas em alguns segmentos importantes, como Plásticos, Química e parte das indústrias diversas, refletindo reestruturações produtivas, automação e fechamento de unidades, de modo que a recuperação do emprego industrial em Alagoas, embora presente, permanece concentrada em poucos polos dinâmicos e depende fortemente no mês da continuidade do desempenho da safra de cana.

Gráfico nº 3 - Evolução do Quantitativo de Empregos


Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial, Inovação e Pesquisa IEL/AL

Tabela nº 3 - Variações (%) dos funcionários no mês de Agosto de 2025. Base Fixa (IBF: Out/2013); Deflator:IPA/OG - FGV.

Gêneros	Ago/25 - Jul/25	Ago/25- Ago/25	Acumulado ano
Produtos Alimentares e Bebidas	19,97	20,66	28,18
Construção Civil	-	-	-
Têxtil	(0,68)	(0,23)	0,20
Minerais Não-Metálicos	(5,69)	(6,35)	(0,61)
Vestuário e Calçados	(0,09)	7,39	5,84
Material de Transporte	4,69	2,39	5,62
Editorial e gráfica	(0,32)	(0,94)	6,70
Madeira	(0,68)	(0,23)	0,20
Papel, Papelão e Celulose	(0,68)	(0,23)	0,20
Produtos de Matérias Plásticas e Borracha	(0,77)	2,02	2,46
Metalúrgicas e Siderúrgicas	-	-	-
Indústrias Diversas e Mobiliário	(3,26)	(2,82)	(2,40)
Química	(0,24)	(4,56)	(2,92)
Indústria Mecânica	(0,68)	7,92	6,65
Sucroenergético	(13,91)	(26,95)	(3,05)
Total Indústria Transformação	(4,91)	(13,61)	4,31
Total Indústria Transformação (sem setor sucroenergético)	9,01	11,22	14,98

Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial, Inovação e Pesquisa IEL/AL

Remunerações Brutas

No acumulado do ano, o indicador mostra uma estagnação virtual, com um crescimento marginal (+0,58%), o que sinaliza que a folha de pagamentos real da indústria praticamente não evoluiu em 2025

A análise da variável massa salarial revela um cenário de retração no poder de compra agregado dos trabalhadores industriais, evidenciando um descompasso entre a manutenção dos postos de trabalho e a renda efetivamente gerada. O cenário torna-se mais crítico na comparação anual em que se observa uma queda significativa (-4,20%) em relação ao mesmo mês do ano anterior, indicando que o volume total de recursos pagos aos trabalhadores encolheu consideravelmente em termos reais. Esse enfraquecimento da renda é corroborado pelo desempenho no curto prazo, que registrou uma leve variação negativa (-0,24%), reforçando a tendência de menor inflação e de que a indústria está operando com uma folha salarial mais enxuta, possivelmente devido à contratação de mão de obra com salários iniciais menores ou à redução de horas extras e bonificações.

Importante salientar que a variável passou por ajustes diferenciados entre os segmentos, com cortes pontuais no mês, mas ganhos significativos em vários setores na comparação anual e no acumulado. No total da indústria, excluído o Sucroenergético, porém, há queda mensal maior (-2,55%) e aumentos de (2,85%) na base anual e (10,76%) no acumulado, o que indica que vários setores vêm concedendo reajustes ao longo de 2025, apesar de um ajuste negativo recente.

No entanto, alguns segmentos podem ter tido ganhos salariais expressivos, associados à expansão de produção, disputa por mão de obra qualificada e acordos coletivos acima da inflação. A Indústria Mecânica lidera, com alta de salários de (49,01%) no mês, (55,26%) frente a setembro de 2024 e (52,30%) no acumulado, compatível com o forte crescimento de empregos e de vendas do setor, que tende a elevar salários para atrair mão de obra mais especializada. Minerais Não-Metálicos também apresenta forte valorização salarial, com variações de (10,36%) no mês, (66,31%) na comparação anual e (62,54%) no acumulado, reflexo do aquecimento

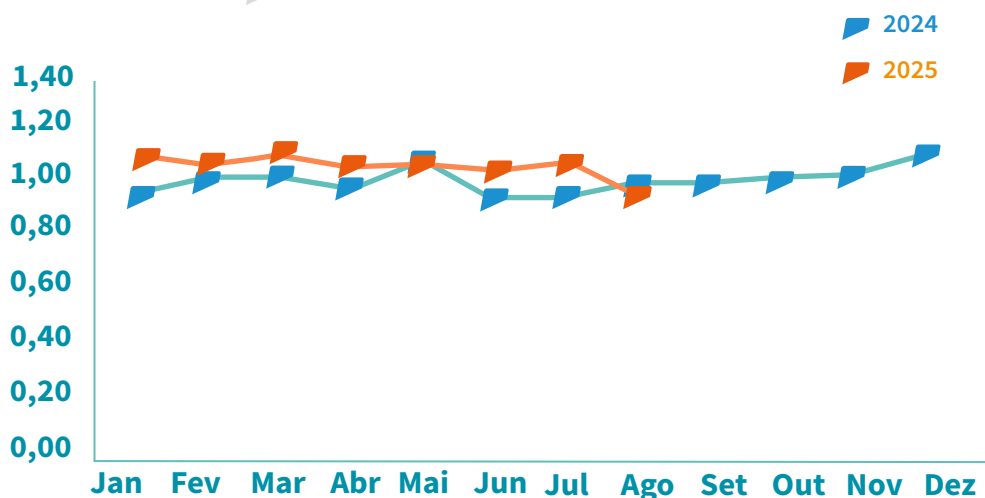
ligado à construção e à produção de cimento, cerâmica e insumos, além de possíveis negociações coletivas diante de custos ainda elevados. Vestuário e Calçados, apesar de corte mensal (-3,93%), exibe alta de (26,63%) em relação a setembro de 2024 e de (25,43%) no acumulado, sugerindo reposição salarial ao longo do ano, possivelmente concentrada em períodos anteriores, com algum ajuste em setembro. Setores como Material de Transporte e Editorial e Gráfica também mostram altas salariais importantes na base anual (9,54% e 13,52%) e no acumulado (11,70% e 10,84%), ainda que com oscilações negativas no mês, indicando reajustes distribuídos ao longo de 2025

Outros segmentos indicam contenção ou redução de salários, coerentes com ajustes de emprego, margens apertadas e incerteza setorial. Produtos Alimentares e Bebidas têm forte queda salarial no mês (-10,97%) e também recuo na base anual (-5,14%), embora mantenham alta significativa no acumulado (20,21%), o que pode refletir antecipação de reajustes em meses anteriores seguida de cortes de horas extras, gratificações ou rescisões em setembro, em meio à pressão de custos agrícolas. No Sucroenergético, os salários sobem no mês (4,02%), compatível com o pico da safra e pagamento de adicionais, mas caem tanto na comparação anual (-14,33%) quanto no acumulado (-13,17%), sugerindo menor remuneração média em 2025, possivelmente por substituição de trabalhadores mais experientes por mão de obra mais barata e por maior mecanização. Nos ramos Têxtil, Madeira,

Papel e Indústrias Diversas e Mobiliário, predominam quedas moderadas: salários mensais recuam (-0,73%) e as bases anual e acumulada ficam próximas de zero ou negativas, com destaque para Indústrias Diversas e Mobiliário, que exibem (-2,40%) na comparação anual e (-2,96%) no acumulado, evidenciando dificuldade de repassar aumentos ao trabalhador em um mercado mais fraco.

De forma geral, a análise conjunta das variações mensais, anuais e acumuladas registra que setembro de 2025 é um mês de ajustes salariais pontuais, com cortes em alimentos, vestuário e alguns ramos tradicionais, mas que o ano, como um todo, registra expressivos ganhos reais em setores em expansão, como Mecânica, Minerais Não-Metálicos, Material de Transporte, Editorial e Gráfica.



Gráfico nº 4 - Evolução dos Salários


Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial, Inovação e Pesquisa IEL/AL

Tabela nº 4 - Variações (%) dos salários no mês de Agosto de 2025. Base Fixa (IBF: Out/2013); Deflator:IPA/OG - FGV.

Gêneros	Ago/25 - Jul/25	Ago/25 - Ago/25	Acumulado ano
Produtos Alimentares e Bebidas	22,92	8,74	18,35
Construção Civil	-	-	-
Têxtil	0,42	0,07	0,46
Minerais Não-Metálicos	0,33	49,76	57,07
Vestuário e Calçados	(3,04)	31,00	23,37
Material de Transporte	2,76	12,74	26,47
Editorial e gráfica	1,92	15,61	(30,88)
Madeira	0,42	0,07	0,46
Papel, Papelão e Celulose	0,42	0,07	0,46
Produtos de Matérias Plásticas e Borracha	0,51	2,71	2,90
Metalúrgicas e Siderúrgicas	-	-	-
Indústrias Diversas e Mobiliário	(1,81)	(2,29)	(1,91)
Química	(3,53)	(5,39)	(10,71)
Indústria Mecânica	0,42	2,61	2,97
Sucroenergético	0,44	(17,79)	(5,01)
Total Indústria Transformação	5,19	(4,27)	1,92
Total Indústria Transformação (sem setor sucroenergético)	8,03	5,34	6,22

Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial, Inovação e Pesquisa IEL/AL

Horas Trabalhadas

As horas trabalhadas na produção apresentaram redução de (-4,76%) em setembro, na comparação com agosto. A variável sinaliza uma tendência de oscilação em 2025.

A análise da variável horas trabalhadas na produção indica um desaquecimento recente do ritmo fabril, que contrasta com o desempenho positivo acumulado ao longo de 2025. No curto prazo, houve uma redução sensível na intensidade produtiva (-4,76%) em relação ao período base anterior, o que sugere que as linhas de produção operaram com menos turnos ou cortaram horas extras, movimento este coerente com a queda de custos operacionais observada anteriormente. Apesar dessa desaceleração, o cenário estrutural do ano permanece em terreno de expansão, considerando que na comparação com o mesmo mês do ano passado, o volume de horas subiu (1,30%), e o indicador acumulado do ano consolida essa tendência positiva (1%). Embora a indústria tenha trabalhado mais em 2025 do que em 2024 no geral, o dado mais recente aponta para uma redução da atividade física no chão de fábrica, possivelmente ajustando a oferta à demanda mais fraca do mês.

De modo geral, a dinâmica do mercado de trabalho industrial de Alagoas em setembro de 2025 apresenta uma dicotomia entre o arrefecimento da intensidade laboral no curto prazo e a manutenção de um patamar positivo em uma perspectiva estrutural anual. O indicador registrou uma retração de 4,76% na comparação com o mês imediatamente anterior (agosto/25), movimento que foi ainda mais acentuado no agregado que exclui o setor Sucreenergético, cujo recuo atingiu (-8,63%). Essa desaceleração na margem sugere um ajuste no ritmo de chão de fábrica, possivelmente antecipando a frustração de demanda observada nas vendas ou refletindo paradas técnicas. Contudo, ao se analisar as bases de comparação mais amplas, nota-se resiliência: o acumulado do ano sustenta uma alta de (1,00%), e o comparativo interanual (setembro/25 vs. setembro/24) permanece em terreno positivo com (1,30%), indicando que, apesar da volatilidade mensal, o volume de horas alocadas à produção ainda supera os níveis de 2024.

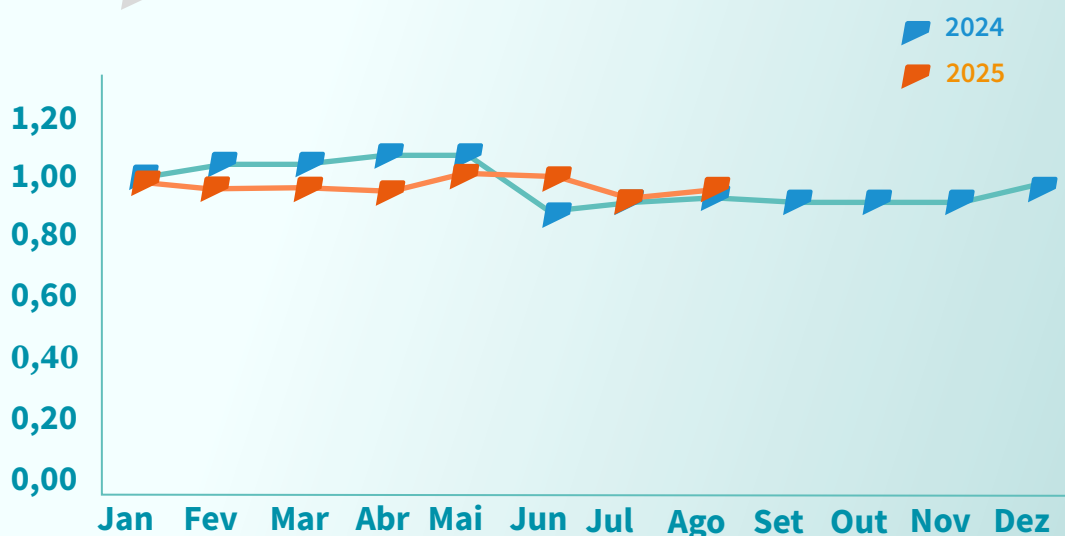
A análise setorial reforça a tese de que a Cadeia da Construção Civil com um bom desempenho foi destaque da atividade fabril. O segmento de Minerais Não-Metálicos apresentou uma expansão vigorosa de 17,09% na margem e acumula alta de 10,88) no ano,

evidenciando uma demanda aquecida por insumos de base (cimento e cerâmica) que exige maior utilização da força de trabalho. Correlacionado a este movimento, a Indústria Mecânica desponta com um desempenho extraordinário, registrando salto de 56,97% no mês e (75,17%) no acumulado do ano. Esse aumento abrupto nas horas trabalhadas pode sugerir a existência de contratos de manutenção industrial pesada e montagem de equipamentos, dissociados da produção seriada convencional e vitais para o suporte à infraestrutura e ao saneamento.

Em contrapartida, observa-se a materialização de ajustes sazonais drásticos. O setor Editorial e Gráfico sofreu um colapso na margem, com redução de 85,99% nas horas trabalhadas, um movimento atípico que sugere o encerramento abrupto de ciclos de produção didática ou institucional, impactando também o acumulado do ano que negativou em (-24,07%). Paralelamente, a Indústria Química evidencia sua fragilidade estrutural, embora tenha apresentado uma leve oscilação positiva na margem de (1,81%), a comparação interanual revela uma queda de 22,22% e o acumulado amarga déficit de 27,65%. Tais números confirmam que a redução da capacidade instalada (fechamento de planta) resultou em uma diminuição permanente da demanda por mão de obra no setor, afetando o segmento de Produtos de Matérias Plásticas, que recuou (-4,93%) no comparativo anual.

Como tal, o comportamento do setor Sucroenergético valida a leitura de poucas usinas terem iniciado a moagem na primeira quinzena de setembro no ciclo de safra. O indicador de horas trabalhadas permaneceu praticamente estagnado na margem (0,08%) e no comparativo anual (-0,10%). Essa estabilidade, em um mês que historicamente marcaria a aceleração da moagem, indica que as usinas mantiveram apenas as equipes de manutenção e preparação operacional (turnos de entressafra), sem a intensificação de jornadas típica do processamento de cana, aguardando condições ideais para o início efetivo da produção.

Gráfico nº 5 - Evolução da Quantidade de Horas Trabalhadas



Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial, Inovação e Pesquisa IEL/AL

Tabela nº 5 - Variações (%) das horas trabalhadas no mês de Agosto de 2025. Base Fixa (IBF: Out/2013); Deflator:IPA/OG - FGV.

Gêneros	Ago/25 - Jul/25	Ago/25 - Ago/25	Acumulado ano
Produtos Alimentares e Bebidas	(0,05)	0,58	(6,73)
Construção Civil	-	-	-
Têxtil	(0,68)	(0,23)	0,20
Minerais Não-Metálicos	(0,36)	(6,42)	(0,96)
Vestuário e Calçados	2,13	(11,11)	4,72
Material de Transporte	(0,68)	(0,23)	12,73
Editorial e gráfica	443,42	439,26	785,63
Madeira	(0,68)	(0,23)	0,20
Papel, Papelão e Celulose	(0,68)	(0,23)	0,20
Produtos de Matérias Plásticas e Borracha	(0,51)	0,48	0,92
Metalúrgicas e Siderúrgicas	-	-	-
Indústrias Diversas e Mobiliário	(2,77)	(4,44)	(4,03)
Química	(2,07)	(29,15)	(24,25)
Indústria Mecânica	(0,68)	3,39	0,48
Sucroenergético	(2,99)	(0,74)	13,49
Total Indústria Transformação	4,66	5,44	12,13
Total Indústria Transformação (sem setor sucroenergético)	12,05	11,23	11,02

Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial, Inovação e Pesquisa IEL/AL



Capacidade Instalada

A Utilização da capacidade instalada apresentou estabilidade e alcançou 66%, excuso o setor sucroenergético. Com o impacto das horas trabalhadas na produção, a variável segue em estabilidade nos últimos meses.

A análise do nível de utilização da capacidade instalada (UCI) da indústria alagoana em setembro de 2025 revela um cenário de ociosidade crescente no agregado geral, mascarando, contudo, uma resiliência operacional nos setores não dependentes do ciclo da cana-de-açúcar. O índice geral da Indústria recuou para 56%, o menor patamar para o mês de setembro na série histórica recente (inferior aos 64% de 2024 e 60% de 2023). No entanto, ao se isolar o componente sucroenergético, observa-se uma estabilidade, visto que a indústria "não-açucareira" manteve a utilização em 66%, repetindo o desempenho de agosto e superando levemente o ano anterior, o que sugere que a retração agregada é concentrada em gargalos específicos e não em uma crise de demanda generalizada.

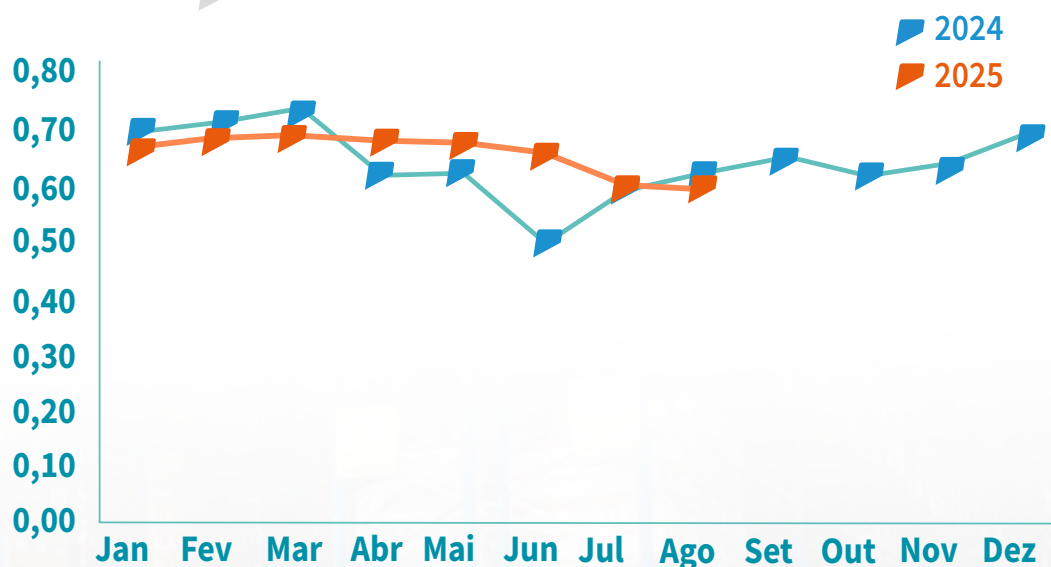
A desagregação setorial expõe a magnitude do choque de oferta na Indústria Química. A UCI deste segmento despencou para 31%, uma contração abrupta frente aos 43% do mês anterior e drasticamente inferior aos 58% registrados em setembro de 2024. Este dado confirma o fechamento da unidade da Braskem. Salienta-se que a operação, que historicamente rodava acima de 70% (como visto em 2021 e 2023), agora opera com quase 70% de ociosidade, indicando que as plantas remanescentes não absorveram a demanda ou enfrentam restrições severas de insumos.

Simultaneamente, o setor Sucrioenergético corrobora a tese de um atraso no calendário de safra. A utilização da capacidade

estacionou em 61%, mesmo nível de agosto e inferior aos 66% de setembro de 2024. A ausência de evolução mensal na UCI em um período que deveria marcar a aceleração da moagem indica que as usinas não atingiram a plena carga de processamento, frustrando a sazonalidade típica do período e contribuindo para puxar a média estadual para baixo.

Em contrapartida, os indicadores validam o aquecimento dos investimentos em capital fixo. O segmento de Minerais Não-Metálicos elevou sua ocupação para 68%, acima dos 60% do ano anterior, tracionado pela demanda da Construção Civil, que opera em níveis de quase saturação com 89% de uso da capacidade. O reflexo mais evidente desse dinamismo está na Indústria Mecânica, que apresentou um salto estrutural na UCI, passando de 30% em agosto para 55% em setembro de 2025, sendo mais que o dobro do registrado no mesmo mês de 2024 (27%). Esse movimento atípico reflete a intensificação de turnos para atender contratos de manutenção industrial e montagem de equipamentos, compensando parcialmente a inércia dos setores tradicionais.

Gráfico nº 6 - Evolução da Capacidade Instalada



Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial, Inovação e Pesquisa IEL/AL

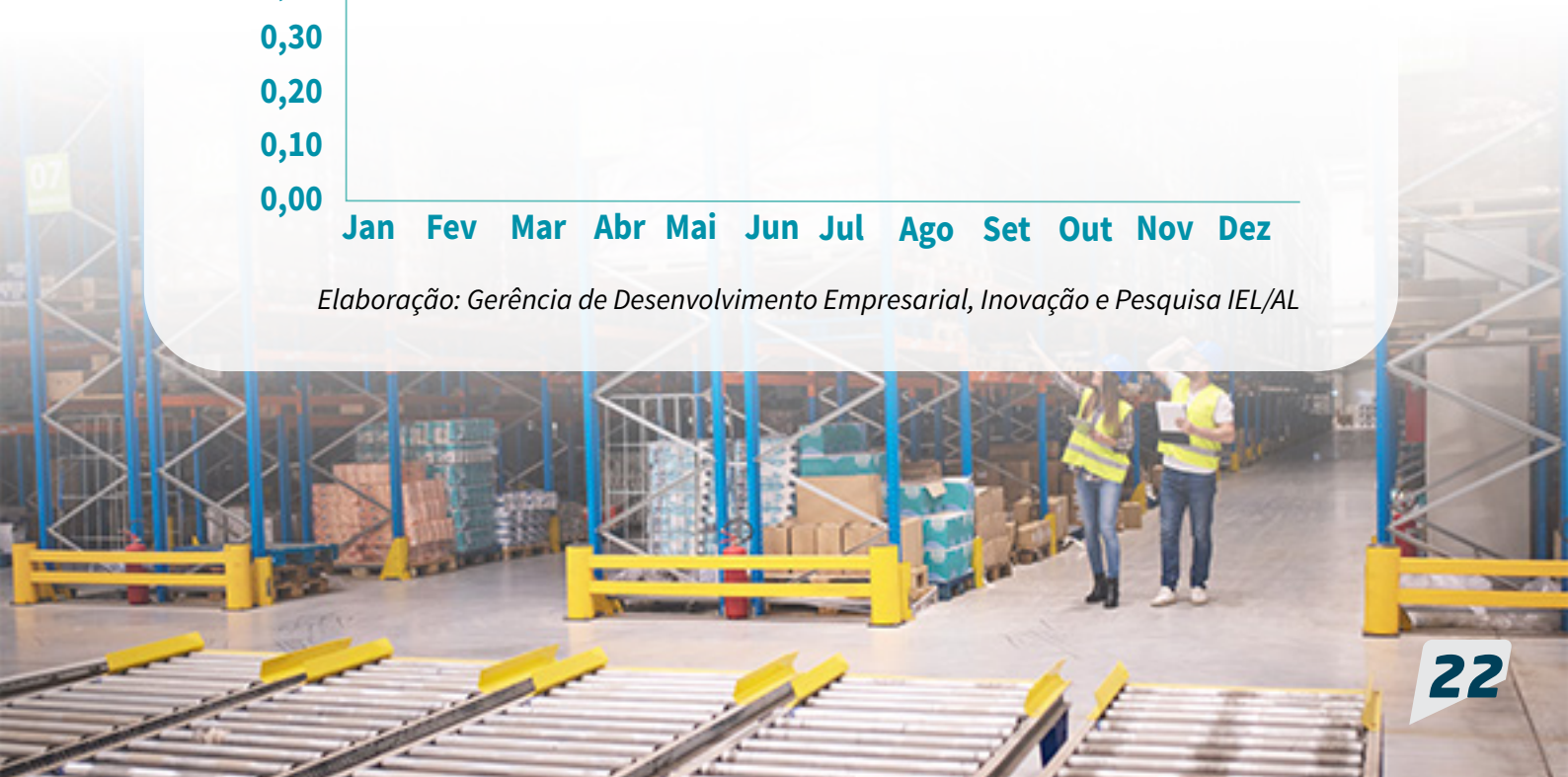


Tabela nº 6 - Utilização da Capacidade Instalada em Agosto entre os anos.

	Ago/22	Ago/23	Ago/24	Jul/25	Ago/25
Gênero Industrial	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)
Produtos Alimentares e Bebidas	68%	67%	69%	68%	68%
Construção Civil	92%	91%	88%	89%	89%
Têxtil	62%	62%	62%	62%	62%
Minerais Não-Metálicos	60%	62%	60%	62%	62%
Vestuário e Calçados	66%	66%	74%	80%	83%
Material de Transporte	19%	21%	41%	39%	39%
Editorial e gráfica	68%	64%	65%	65%	66%
Madeira	62%	61%	61%	61%	61%
Papel, Papelão e Celulose	81%	81%	59%	59%	59%
Produtos de Matérias Plásticas e Borracha	73%	73%	75%	87%	87%
Metalúrgicas e Siderúrgicas	63%	65%	71%	69%	69%
Indústrias Diversas e Mobiliário	66%	60%	61%	61%	58%
Química	74%	57%	75%	47%	65% 43%
Indústria Mecânica	68%	48%	28%	30%	71% 30%
Sucroenergético	25%	37%	56%	62%	61%
Total Indústria Transformação	46%	48%	62%	59%	58%
Total Indústria Transformação (sem setor sucroenergético)	66%	64%	64%	65%	65%

Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial, Inovação e Pesquisa IEL/AL

**ELABORAÇÃO
DESENVOLVIMENTO EMPRESARIAL, INOVAÇÃO E
PESQUISA - FIEA/IEL**

GERENTE

ELIANA MARIA DE OLIVEIRA SÁ

ESTAGIÁRIOS

JULIAN PEDRO MOISÉS DA SILVA
KARINE FERREIRA DOS SANTOS
MARIA LUIZA LEAL DA SILVA
PABLO HENRIQUE COSTA FRANCIOLLY FONSECA
RUAN WESLEY DE BARROS SILVA

ANALISTA

MORGANA MARIA MACHADO MOURA

CONSULTORA

DÉBORA JUSTINO DOS SANTOS

AUTORA

LUCIANA PEIXOTO SANTA RITA

DIAGRAMAÇÃO

EMILLY KAROLLINY CARDOZO DA FONSECA

**INSTITUTO EUVALDO LODI -
IEL**

DIRETOR REGIONAL

JOSÉ CARLOS LYRA DE ANDRADE

SUPERINTENDENTE

HELVIO BRAGA VILAS BOAS

**GERENTE DE DESENV. EMPRESARIAL,
INOVAÇÃO E PESQUISA**

ELIANA MARIA DE OLIVEIRA SÁ

**FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE
ALAGOAS - FIEA**

PRESIDENTE

JOSÉ CARLOS LYRA DE ANDRADE

1º VICE PRESIDENTE

JOSÉ DA SILVA NOGUEIRA FILHO

DIRETOR EXECUTIVO

WALTER LUIZ JUCA SÁ

GERENTE UNITEC

HELVIO BRAGA VILAS BOAS

